



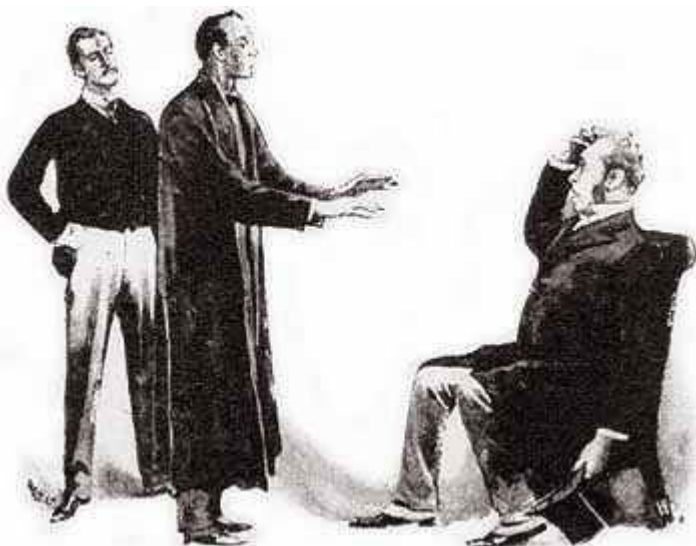
Sherlock Holmes
em:
A coroa de Berilos

Por Sir Arthur Conan Doyle

PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)

CPTurbo.org

— Holmes — disse eu um dia, quando me encontrava de pé próximo da janela olhando para a rua —, ali vem um louco. É lamentável que os parentes o deixem sair sozinho.



Meu amigo levantou-se vagorosamente da sua poltrona e ficou olhando por cima do meu ombro, de mãos enfiadas nos bolsos do roupão. Era uma manhã fria de fevereiro; a neve do dia anterior ainda jazia no chão, brilhando ao sol invernal. Alguns carros já haviam passado pela rua, mas, à beira das calçadas, ela tinha sido varrida e até raspada, e estava escorregadia e perigosa, tanto que havia muito menos transeuntes que de costume. Dos lados da estação do metro não vinha ninguém, a não ser o tal cavalheiro cuja atitude excêntrica me chamara a atenção.

Era um homem de cerca de cinqüenta anos, alto, de porte imponente, com um rosto grande denunciando caráter forte e resolutivo. Usava roupa escura mas elegante, com casaco, cartola, polainas castanhas e impecáveis calças de cor cinza-pérola. Todavia, seus modos contrastavam absurdamente com a dignidade da sua figura e do seu vestuário, porque corria muito, dando pequenos pulos, como quem está exausto e pouco habituado a exercício forçado. Enquanto corria, atirava as mãos para trás e para cima e contorcia o rosto horrivelmente.

— Que terá ele? — perguntei. — Está olhando para os números das casas.

— Creio que vem para cá! — disse Holmes, esfregando as mãos.

— Para cá?

— Sim, parece-me provável que venha me consultar; conheço os sintomas... Ah, não lhe disse?

Enquanto Holmes falava, o homem chegou ofegante, e à porta puxou tanto a campainha que esta ecoou na casa inteira.

Momentos depois entrou na sala, ofegante e gesticulando, mas com tão fixo e doloroso olhar de desespero que nosso sorriso se transformou num instante em horror e piedade. Por uns momentos não pôde articular uma palavra, apenas se agitava e puxava os cabelos como pessoa que pelo peso da dor parece enlouquecer. Levantando-se de repente, bateu com a cabeça contra a parede com tanta força que ambos corremos e o levamos para o meio da sala.

Sherlock Holmes empurrou-o para uma poltrona e, sentando-se a seu lado, afagou-lhe a mão e falou-lhe no tom amável e calmo que tão bem sabia

empregar.

— O senhor vem para me contar a sua história, não é verdade? Cansou-se com a pressa. Descanse um pouco e depois terei prazer em examinar qualquer problema que quiser confiar-me.

O homem esforçou-se por controlar a emoção, enxugou a testa, firmou a boca e virou-se para nós.

— Com certeza pensam que enlouqueci — disse ele.

— Vejo que está em grande aflição — respondeu Holmes.

— Deus o sabe! Uma aflição suficiente para desequilibrar o cérebro de uma pessoa, tão repentina e terrível é. Poderia enfrentar a vergonha pública, embora eu seja um homem cujo caráter não teve qualquer mancha até agora. Aflições particulares também todos têm; mas as duas coisas juntas, e de forma tão terrível, quase me enlouquecem. Além disso, não só a mim. Os nobres deste país podem vir a sofrer, a não ser que se descubra uma saída para o problema.

— Bem, acalme-se — aconselhou Holmes —, e depois me diga claramente quem é o senhor e o que lhe aconteceu.

— Talvez o senhor já tenha ouvido o meu nome — disse o nosso visitante. — Sou Alexander Holder, da Casa Bancária Holder & Stevenson, da Threadneedle Street.

O nome era bem conhecido por nós ambos, pois era o segundo grande banco da City de Londres. O que poderia ter acontecido então para que um dos cidadãos mais acatados ficasse naquele estado de nervos? Esperamos, curiosos, até que finalmente, depois de mais um esforço, ele se concentrou e nos contou a sua história.

— Sinto que tempo é dinheiro, e por isso me dirigi para cá assim que o inspetor da polícia me aconselhou a buscar a sua cooperação. Vim pelo metro, e de lá a pé, porque os carros andam muito devagar devido à neve, e por isso é que estou ofegante, pois não sou habituado a muito exercício físico. Sinto-me melhor agora, e vou contar-lhe tudo depressa, mas o mais claramente possível.

"O senhor, naturalmente, sabe que um banco em franco progresso depende muito da obtenção de investimentos remunerativos para o seu dinheiro, bem como do aumento de suas relações e do número de seus depositantes. Um dos meios mais lucrativos de aplicar o dinheiro é o empréstimo, quando a segurança é completa. Durante os últimos anos temos feito muito nesse setor. Há muitas famílias nobres a quem temos adiantado grandes somas, aceitando como garantia seus valiosos quadros, bibliotecas ou pratas.

"Ontem, estava no meu gabinete, no banco, quando um dos funcionários me trouxe um cartão de visita.



"Estremeci quando vi o nome, porque não era outro senão... bem, acho que nem ao senhor devo revelá-lo. Basta dizer que é um nome pronunciado em todas as casas e no mundo inteiro, um dos mais nobres, mais exaltados na Inglaterra. Fiquei profundamente comovido com a honra e esforcei-me por dizê-lo quando ele entrou, mas ele atirou-se logo ao negócio, como um homem que tem pressa de liquidar um assunto desagradável.

"— Sr. Holder — começou ele —, disseram-me que o senhor costuma fazer adiantamentos de dinheiro.

"— A firma faz isso quando a garantia é boa — respondi.

"— É absolutamente essencial que eu tenha cinqüenta mil libras imediatamente. É claro que eu poderia pedir um empréstimo aos meus amigos dez vezes maior que essa quantia, mas prefiro que seja em forma de negócio, e que eu próprio o trate pessoalmente. O senhor deve compreender que na minha posição não é muito recomendável criar obrigações.

"— Por quanto tempo, posso perguntar, V. Exa. vai precisar dessa soma? — perguntei.

"— Segunda-feira próxima devo receber uma soma enorme que me é devida, e então poderei devolver o que o senhor me adiantar, com a percentagem que julgar justa. Mas é essencial que receba já essa quantia.

"— Teria muito prazer em lhe fazer o empréstimo, mas meus fundos particulares não seriam suficientes; entretanto, se tem de ser feito em nome da firma, devem-se, com justiça, usar todas as formalidades necessárias para a segurança, como precaução.

"— Prefiro que seja assim — disse ele, pegando um enorme porta-jóias de marroquim preto, que havia posto a seu lado na cadeira. — O senhor com certeza já ouviu falar da coroa de berilos.

"— Um dos bens mais preciosos do império — disse eu.

"— Precisamente. — Nisto ele abriu o porta-jóias, e ali, deitada em veludo macio, cor da pele, estava a magnífica peça de joalheria de que falou. — Há trinta e nove enormes berilos — disse ele —, e o preço do engaste de ouro é incalculável. A mais baixa avaliação daria à coroa duas vezes a quantia que lhe peço. Estou pronto a deixá-la como garantia.

"Tomei a preciosidade entre as mãos e olhei primeiro para ela e depois para o meu ilustre cliente.

"— Duvida do seu valor? — perguntou.

"— Absolutamente. Só duvido...

"— Do direito de eu a deixar. Pode ficar descansado quanto a isso. Não sonharia em fazê-lo se não tivesse a certeza de que dentro de quatro dias poderei resgatá-la. É uma questão de praxe. Chega esta garantia?

"— Muito bem.

"— O senhor compreende, Sr. Holder, que estou lhe dando uma forte prova de confiança. Confio no senhor, não só por saber que é discreto, e que portanto não falará a ninguém sobre o assunto, mas, acima de tudo, para guardar essa coroa com toda a precaução, porque é desnecessário dizer-lhe que, se lhe acontecer qualquer coisa, isso seria causa de grande escândalo público. Qualquer arranhão seria quase tão sério quanto a sua perda completa, porque não há berilos no mundo que se comparem com estes, e seria impossível repô-los. Deixo-a com o senhor, com plena confiança, e virei buscá-la na segunda-feira de manhã.

"Vendo que meu cliente estava ansioso por ir embora, não disse mais nada, mas, chamando o caixa, mandei-o pagar as cinqüenta mil libras em notas. Ao ficar sozinho outra vez, com a preciosidade na minha frente sobre a mesa, não pude deixar de pensar na grande responsabilidade que pesava sobre mim. Não havia dúvida de que, como objeto pertencente à nação, haveria um escândalo horrível se qualquer contratempo ocorresse. Arrependi-me de ter ficado com ela, mas era tarde demais para retroceder; fechei-a no meu cofre particular e voltei ao trabalho.

"Chegou a tarde e achei imprudente deixar tão precioso valor no escritório. Os cofres dos outros bancos já tinham sido forçados; por que não o meu? E se fosse arrombado, em que posição terrível estaria eu! Resolvi, portanto, que durante esses três ou quatro dias carregaria o embrulho para casa e no regresso o traria sempre comigo.

"Com essa intenção, chamei um carro e nele segui para minha casa em Streatham, levando a jóia comigo. Não respirei livremente enquanto não a levei para o meu quarto de vestir e a coloquei na secretária, fechando-a à chave.

"Agora, Sr. Holmes, uma palavra quanto ao meu lar, porque é preciso que o senhor compreenda perfeitamente as condições gerais. Meu cocheiro e o pajem dormem fora, nem se precisa falar neles. Tenho três empregadas que estão comigo há um bom número de anos e cuja conduta está acima de suspeitas. Outra, Lucy Parr, está em minha casa apenas há alguns meses. Veio com uma carta de apresentação excelente e tem sido satisfatória. É uma jovem bonita e atrai admiradores, que às vezes rondam a casa. É a única coisa que tenho contra ela, mas acreditamos que seja boa moça sob todos os pontos de vista. Quanto a empregados, é só.

"Minha família é tão pequena que não é preciso muito para descrevê-la. Sou viúvo e tenho um único filho, que se chama Arthur. Ele é um desapontamento

para num, Sr. Holmes, um grande desapontamento. Com certeza sou eu o único culpado. Dizem que o estraguei. Quando minha boa esposa morreu, ele era a única pessoa que eu tinha para amar, e não podia ver seu rostinho perder o sorriso, não lhe negava nenhum desejo. Talvez fosse melhor para nós dois se eu tivesse sido mais severo, mas o que fiz foi com a melhor intenção.

"Era, naturalmente, meu desejo que me sucedesse no banco, mas ele não gosta de negócios. É desmiolado, tem mau gênio e, para falar a verdade, não pude confiar nele para manipular grandes somas de dinheiro. Quando era mais jovem, entrou para um clube de aristocratas onde, devido aos seus modos cativantes, se tornou amigo íntimo de diversas pessoas que têm os bolsos cheios e hábitos dispendiosos. Aprendeu a jogar cartas e a apostar em corridas no turfe, até que, por diversas vezes, teve de recorrer a mim, pedindo-me que lhe adiantasse a mesada.

"Mais de uma vez quis afastar-se dos companheiros, mas seu amigo, Sir George Burnwell, conseguia sempre influenciá-lo e, por fim, ele voltava.

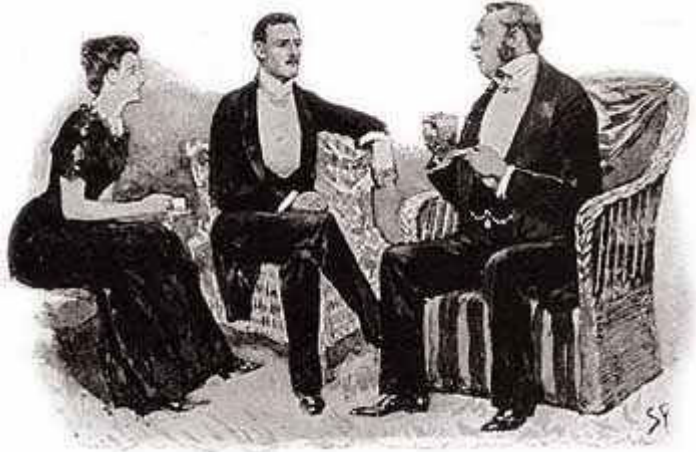
"Não admira muito que Sir George Burnwell o cativasse, porque, apesar de serem poucas as vezes em que ele o trouxe a nossa casa, não pude deixar de gostar dos seus modos. É mais velho do que Arthur, homem do mundo até as pontas dos dedos; já estive em toda parte, viu tudo, é um conversador brilhante e homem de bela fisionomia. Todavia, quando penso nele calmamente, longe da atração da sua presença, fico convencido do cinismo da sua conversa, e o olhar esperto que se vislumbra faz pensar que ele é uma pessoa em quem não se deve confiar. Essa é também a opinião da minha pequena Mary, que tem o instinto perspicaz de mulher.

"Agora, só falta falar dela. É minha sobrinha; quando o pai dela faleceu, há cinco anos, e a deixou sozinha no mundo, adotei-a, e tenho-a considerado como minha filha. É como um raio de luz na minha casa — dócil, amável, bela e perfeita dona-de-casa, mas calma e delicada como só uma mulher pode ser. Ela é a minha mão direita. Não sei o que faria sem ela. Só numa coisa me contrariou. Por duas vezes meu rapaz a pediu em casamento, pois ama-a como um devoto, mas ela o recusou.

"Penso que, se existe alguma pessoa capaz de conduzi-lo ao caminho do bem, é ela, e que se estivessem casados ele melhoraria. Mas, agora, aí de mim! É tarde demais — para sempre!

"Agora, Sr. Holmes, que o senhor já sabe tudo a respeito das pessoas que moram comigo, debaixo do meu teto, vou continuar minha triste história.

"Quando, naquela noite, estávamos tomando café na sala depois do jantar, contei a Arthur e Mary a minha experiência e falei do tesouro precioso que tínhamos em casa, só não dizendo o nome do meu cliente. Lucy Parr, que havia trazido o café, tinha saído, tenho a certeza, mas não posso jurar que a porta estivesse fechada. Mary e Arthur mostraram-se interessados e quiseram ver a famosa coroa, mas achei melhor não tocar nela.



"— Onde a guardou? — perguntou Arthur.

"— Na minha própria secretária.

"— Bem, queira Deus que a casa não seja visitada hoje pelos ladrões — disse ele.

"— Está trancada — respondi.

"— Oh, qualquer chave velha serve naquela secretária. Quando era garoto, eu próprio a abri com a chave do armário do quarto das malas.

"Ele exagerava muito às vezes quando falava, e, assim, nem fiz caso do que disse. Seguiu-me até o quarto com um olhar muito sério.

"— Olhe, pai — disse, cabisbaixo —, pode adiantar-me duzentas libras?

"— Não posso — respondi rapidamente. — Tenho sido por demais generoso com você quanto a dinheiro.

"— O senhor tem sido muito bondoso — disse ele —, mas preciso desse dinheiro, senão nunca mais poderei entrar no clube.

"— E seria uma boa coisa — ripostei.

"— Sim, mas o senhor não haveria de gostar que eu o deixasse desonradamente — disse ele. — Eu não agüentaria a vergonha, preciso levantar esse dinheiro de qualquer forma, e se o senhor não quer me ajudar, tenho de procurar outros meios de obtê-lo.

"Eu estava zangadíssimo, porque aquele era o terceiro pedido do mês.

"— Você não terá nem um centavo meu! — gritei; então ele se inclinou e saiu do quarto sem dizer uma palavra.

"Depois que ele saiu, abri a secretária, para ter a certeza de que meu tesouro estava seguro, e tranquei-a de novo. Depois dei uma volta à casa para ver se tudo estava bem fechado — um dever que sempre deixava para Mary, mas que julguei melhor ser eu próprio a cumprir naquela noite. Quando descii, vi Mary à janela lateral do vestibulo, que ela fechou quando cheguei.

"— Diga-me, pai — disse ela —, deu licença a Lucy para sair à noite?

"— Certamente que não.

"— Ela entrou agora mesmo pela porta dos fundos. Com certeza esteve apenas ao portão falando com alguém, mas acho isso perigoso e deve-se acabar com tal costume.

"— Fale com ela amanhã, ou, se preferir, falarei eu. Tem certeza de que está



tudo bem fechado?

"— Sim, pai.

"— Então, boa noite.

"Beijei-a, fui para o meu quarto e adormeci imediatamente. Estou me esforçando por lhe contar tudo o que possa ter alguma relação com o caso, Sr. Holmes, mas peço que me faça perguntas sobre qualquer ponto que não esteja bem claro."

— Pelo contrário, sua narrativa é extraordinariamente lúcida.

— Chego agora a uma parte da história em que desejo ser bem explícito. Tenho o sono leve, e a preocupação sem dúvida serviu para me torná-lo mais leve ainda. Cerca das duas horas fui acordado por um barulho dentro de casa, que cessou, porém, antes que eu despertasse de todo; deu-me, no entanto, a impressão de que era alguém fechando uma janela, e fiquei escutando atentamente. De repente, para meu horror, ouvi passos leves mas distintos no quarto anexo. Escorreguei da cama, tremendo de medo, e olhei na direção da porta do meu quarto de vestir.

"— Arthur — gritei. — Você é um malandro, um ladrão! Como tem a ousadia de tocar nessa coroa?"

"O lampião estava meio aceso, como eu o havia deixado, e meu infeliz rapaz, apenas em mangas de camisa e calças, estava ao pé da luz, segurando a coroa nas mãos. Parecia que a estava esticando ou dobrando com toda a força. Ao meu grito, deixou-a cair e ficou pálido como a morte. Peguei nela e examinei-a. Faltava um dos cantos de ouro, com três berilos.

"— Cruel! — gritei, fora de mim. — Você a destruiu! Desonrou-me para sempre! Onde estão as gemas que roubou?"

"— Que roubei?! — gritou ele.

"— Sim, ladrão! — rosnei, sacudindo-o pelo ombro.

"— Não falta nenhuma. Não podem faltar — disse ele.

"— Faltam três. E você sabe onde estão. É preciso que o chame de mentiroso, além de ladrão? Não o vi pretendendo arrancar outro pedaço?"

"— O senhor já me ofendeu bastante — disse ele. — Não agüento mais. Não direi mais uma palavra sobre este assunto, já que me insulta assim. Deixarei sua casa amanhã, e seguirei meu próprio caminho no mundo.

"— Sairá, mas nas mãos da polícia — gritei, meio louco de tristeza e raiva. —

Mandarei investigar este caso até o fim.

"— De mim nada saberá — disse ele, com uma paixão que nunca pensei encontrar na sua natureza. — Se quiser chamar a polícia, deixe que ela descubra o que puder.

"Toda a casa estava agora de pé, porque eu havia elevado muito a voz, na minha ira. Mary foi a primeira a correr para o meu quarto, e, à vista da coroa e do rosto de Arthur, percebeu o que se passava e, com um grito, caiu sem sentidos no chão. Mandei a criada chamar a polícia e deixei as investigações aos seus cuidados.

"Quando o inspetor e o detetive entraram na casa, Arthur, que estava de braços cruzados, perguntou-me se ia acusá-lo de furto.

"Respondi-lhe que o caso já não era particular, mas público, desde que a coroa danificada era propriedade da nação. Resolvera que a lei agisse em tudo.

"— Pelo menos — disse ele —, não me mande prender agora; seria vantajoso para o senhor e para mim se eu pudesse sair de casa por cinco minutos.

"— Para que você possa fugir ou esconder o que roubou? — afirmei eu.

"E então, compreendendo a terrível situação em que eu estava, implorei-lhe, lembrando que não só a minha honra ficaria manchada, como também a honra de alguém mais importante do que eu; e que o escândalo que iria levantar convulsionaria a nação. Ele poderia evitar tudo isso se contasse o que tinha feito com as três gemas que faltavam.

"— É melhor enfrentar as conseqüências — tornei eu. — Você foi apanhado em flagrante, e não confessando pode tornar a sua culpa mais hedionda. Basta confessar o que está em seu poder, dizendo-nos onde estão os berilos, e tudo será perdoado e esquecido.

"— Guarde o seu perdão para quem o peça — respondeu ele, virando-se com escárnio.

"Percebi que estava fora da minha influência, mas havia um remédio.

"Chamei o inspetor, que o prendeu. Fizeram uma busca, não só em sua pessoa, como em seu quarto e na casa toda, onde ele poderia ter escondido as gemas; mas nem o menor vestígio foi encontrado, e o miserável rapaz não quis abrir a boca, por mais persuadido e ameaçado que fosse.

"Hoje foi levado para uma cela, e eu, depois de passar por todas as formalidades com a polícia, apressei-me a vir ter com o senhor para lhe implorar que use sua grande habilidade para deslindar o assunto. A polícia já confessou que por ora não há meio de se descobrir coisa alguma. Pode despendar quanto for preciso, já ofereci mil libras. Céus! Que farei? Perdi a

minha honra, as gemas e o meu filho numa só noite. Oh, que farei?"

Colocou uma mão de cada lado da cabeça e balançou-se de um lado para o outro, choramingando como uma criança cuja tristeza não tinha limites.

Sherlock Holmes ficou calado uns minutos, com a testa enrugada e o olhar fixo no fogo.

— O senhor recebe muitas visitas? — perguntou.

— Nenhuma, a não ser o meu sócio com sua família e um amigo ou outro de Arthur. Sir George Burnwell tem ido lá diversas vezes ultimamente. Ninguém mais.

— E o senhor frequenta a sociedade?

— Só Arthur. Mary e eu ficamos em casa. Nem um nem outro gosta de sair.

— As jovens quase nunca são assim.

— Ela é de natureza calma; além disso, não é muito jovem. Já fez vinte e quatro anos.

— Conforme o senhor disse, este caso foi um choque para ela também.

— Terrível! Ela ficou pior do que eu.

— Ambos estão certos da culpabilidade de seu filho?

— Como poderemos duvidar, quando eu o vi com a coroa na mão?

— Não considere isso prova conclusiva. O resto da coroa estava danificado?

— Sim, estava torta.

— Mas o senhor não acha que ele podia estar tentando endireitá-la?

— Deus o abençoe. O senhor tenta ajudá-lo, a ele e a mim. Mas é muito difícil. O que ele estava fazendo ali, em primeiro lugar? E se seu propósito era inocente, por que não falou?

— Precisamente. E, sendo culpado, por que não inventou uma mentira? Seu silêncio, segundo me parece, pode ser duplamente interpretado. Há diversos pontos esquisitos neste caso. O que disse a polícia a respeito do barulho que o acordou?

— Acharam que poderia ser o ruído da porta do quarto de Arthur se fechando.

— Uma história bonita! Como se um homem pronto para roubar fosse bater a porta para acordar a família inteira. E que disseram quanto à falta das gemas?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

